

Incidência Pública das Igrejas

Salvador – 27 e 28 de março de 2007

“A Igreja constitui a única sociedade do mundo que existe por causa daquelas pessoas que não membros dela”

Arcebispo William Temple

A Igreja é a Igreja somente quando existe para os outros... A Igreja deve compartilhar os problemas seculares da vida humana, Sem dominar, mas ajudando e servindo.

Dietrich Bonhoeffer

Nunca se deve temer a utopia. Agrada-me dizer e repetir: quando se sonha só, é um simples sonho, quando muitos sonham o mesmo sonho, é já a realidade. A utopia partilhada é a mola da história

Dom Helder Câmara

Inicialmente diria que aqui vamos fazer juntos uma reflexão a partir de algumas notas sobre o tema da Incidência pública das Igrejas.

O primeiro passo que encaminhei na preparação desta reflexão foi perguntar para algumas pessoas o que elas entendem por Incidência Pública, e na maioria das respostas foi um total desconhecimento.

Esse desconhecimento ou familiarização com termo nos chama a um desafio: Como temos refletido nossas ações nas Igrejas? Que o olhar que estamos dando as nossas reflexões teológicas quando tratamos do tema da ação diaconal da Igreja? Por exemplo.

As citações epigrafadas tanto do Arcebispo William Temple, do Pastor Dietrich Bonhoeffer, e do Arcebispo Dom Helder Câmara, nos coloca diante do desafio de vivermos a radicalidade da busca de um rumo de missão relevante.

E ai nesse caminho introdutório diria que a pergunta a ser feita é: **Qual/quais rumos podemos viver em nossas comunidades com vistas a sermos uma “Igreja com os outros?”**

É importante sublinhar nessas notas que no Antigo Testamento a noção de povo de Deus é mais ampla do que a Assembléia de Israel. A Assembléia é uma parte que representa o povo.

Na tradição judaica, isso se mostra muito claro na assembléia (Igreja) no Sinai (Cf. Êxodo 19).

Em Isaias 421 e 492, esta comunidade é vista como uma comunidade profética (a figura do Servo Sofredor de Javé) que deve ser LUZ para todas as nações.

Ainda em Isaias 623 nos alarga a vigilância até que a justiça se estabeleça no mundo.

Essas notas do Antigo Testamento nos ajudam a sublinhar e olhar para o Novo Testamento.

No NT, o próprio termo “Eclésia” é uma palavra que vem do ambiente social e político do mundo grego antigo que ao final quer dizer: “assembléia de cidadãos” que participa e intervém no destino da sociedade.

Na perspectiva bíblica, ainda quando não falamos de Igreja, como no NT, mas sim da fé de Israel, é patente que estamos sempre diante de, pelo menos uma forte dimensão do público.

Público, porque o culto é público (quer contendo ritos de sacrifícios, quer se trate de culto cristão).

A religião tinha um sentido público – voltada para orientar a vida cotidiana do povo, nos tempos da pré-monarquia; ou para avaliar a conduta dos reis, através da palavra profética, porque há uma conexão entre a fé em Deus-Javé e a prática de justiça, e isso nunca é um assunto privado.

No tempo das cartas paulinas, as Igrejas eram grupo inserido nas sinagogas e, de tal forma inseridas no mundo cultural grego-romano que convivem até elementos negativos como a estrutura da escravidão e a cultura platônica que divide corpo e alma, material e espiritual, entre outros.

Jesus em sua ação programática tinha sempre um duplo trabalho: formar seu grupo e atuar diretamente com a massa. E sempre na consequência simplesmente dando sinais da proximidade do Reino de Deus.

1 Isaias 42,1-9

2 Isaias 49, 1-7; 22-23

3 Isaias 62, 1 – 7.

A Missão da Igreja tem sua origem no envio do Filho, pelo Pai, no Espírito Santo, para a salvação do mundo. “*Jesus disse de novo para eles: A paz esteja com vocês. Assim como o Pai me enviou, eu também envio vocês*” (cf Jo 20,21). Desta primeira afirmação observa-se um primeiro e grande desafio: a urgência de se recriar a cultura da paz diante da banalização da vida e da violência que aos poucos vai se afirmando como normal.

A partir do envio, a Igreja e todos os seus membros são enviados para transmitir a Boa-Notícia. A Boa-Notícia é Palavra de Salvação. A Missão é, portanto, comunicação.

O símbolo clássico da transmissão da fé é a palavra oral e escrita. A tarefa da Igreja é ser continuadora de uma obra iniciada em Jesus.

Contudo, recriar a proposta anunciada por Jesus em nossos tempos requer que se compreenda primeiramente a figura de Jesus como homem preocupado com a vida, isto é, com o corpo das pessoas de seu tempo. Jesus nunca disse a alguém tua alma está salva, mas restituiu condições físicas aos enfraquecidos. (Cf. Lucas 4,16 –21).

Ao longo dos séculos, por interesses de diferentes naturezas, mas especialmente econômicas, a Igreja foi responsabilizada pelos cuidados espirituais (da alma), enquanto que o Estado cuidava da parte material (o corpo).

Esta separação serviu para legitimar práticas políticas e colonizadoras em que o sofrimento de muitos servia para o enriquecimento de outros.

Com Milton Nascimento muitos de nós já cantaram que “**o artista tem que ir onde o povo está**” Esta verdade cantada, confrontada com o episódio de Paulo no areópago de Atenas “*De fato, passando e observando os monumentos sagrados de vocês, encontrei também um altar com esta inscrição: ‘Ao Deus desconhecido’. Pois bem, esse Deus que vocês adoram sem conhecer, é exatamente aquele que eu lhes anuncio*” (At 17,23) nos dá uma noção da missão da Igreja: inverter o processo (secularização) que faz do Deus da vida cada vez mais um deus desconhecido, substituído (idolatria).

Caminhos e desafios abrem-se pelas transformações das relações sociais: pessoas vinculam-se não só à comunidade geograficamente próxima, mas também a outras formas de comunidades: profissional, esportiva, educativa, civil, política e de modo mais marcante as comunidades virtuais. Estes também são lugares de Missão.

As sociedades modernas são caracterizadas por graves problemas de ajuste. Elas não oferecem os laços inconscientes e implícitos de comunidade que os cidadãos sentiam Daniel Montoya Rosales, *La Tarea Misiologica de la Iglesia: Todo Evangelio para toda Persona*, in Y me sereis testigos : um acercamiento a la evangelizacion y la mision desde Cuba. Pedro Triana(editor).

No passado. Como resultado, as pessoas começaram a se ater a outras identidades de grupo, mais primordiais.

Elas resistem à assimilação, temendo que isso os privará de suas identidades sem oferecer uma nova. O que se tem na verdade, na aldeia global é um multiculturalismo em que todos os ingredientes permanecem separados e o resultado mais evidente é recriação do gueto. As vozes dos guetos são publicizadas como expressões culturais recriando a dor do povo exilado: “*Lá, os que nos exilaram pediam canções, nossos raptos queriam diversão: ‘Cantem para nós um canto de Sião!’ Como cantar um canto de Javé em terra estrangeira?*” (Sl 137,3-4).

O apóstolo Paulo propõe um grande desafio: “**Não se amoldem às estruturas deste mundo, mas transformem-se pela renovação da mente, a fim de distinguir qual é a vontade de Deus: o que é bom, o que é agradável a ele, o que é perfeito.**” (Rm 12,2) Em suas cartas Paulo se apresenta como um homem apaixonado pelo que faz, que está entregue a sua missão, que às vezes até os limites ficam imprecisos. É um convicto do compromisso da fé, que arrasta com sua força e determinação. De outro turno, é um homem consciente de seu mundo, dos problemas das pessoas, sensíveis as dificuldades de que surgem pela vivência da fé no meio de uma cultura dominante.

Esse compromisso da fé nos é oferecido como uma chave interpretativa. E como tal precisa assumir como ponto de partida de nossa experiência de transformação e não de conformação.

Vivendo a Missão Transformadora, com certeza o desafio de dar testemunho fiel à missão transformadora de Deus significa que temos que repensar o modo de viver essa missão.

Nesse ano de 2006 num gesto concreto de testemunho profético nos unimos bispos (episcopé) de diferentes denominações, (Igreja Católica Romana, Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e Igreja Metodista do Brasil) e publicamos o documento **Os Pobres possuirão a Terra: pronunciamento de bispos e pastores sinodais sobre a terra**. Destas referências breves, creio que surge o seguinte: A Igreja é chamada ao testemunho – em ações ou em palavras e gestos? Nestor O. Miguez, Paulo, o compromisso da fé, in Paulo de Tarso Militante da Fé, RIBLA 20 David J Bosh- Missão Transformadora, Sinodal, 2001. Os Pobres Possuirão a Terra, 2006.

Uma outra questão saliente é discernir a forma desta incidência pública da Igreja. E aqui com certeza é necessário ressaltar, primeiramente, que é preciso ler o AT com cuidado, pois a fusão entre religião e política e a inexistência de uma distinção entre público e privado não correspondem mais nem à realidade de hoje nem ao que consideramos a correta relação entre as esferas públicas e privadas, estatal e social.

Quero dizer, que num mundo plural e democrático, várias formas de relação entre igreja e estado ou igreja e vida pública encontradas na Bíblia precisam ser atualizadas e adaptadas, ou seja, ser fiel ao espírito, antes que à letra.

Segundo, a Igreja é chamada a “beber do próprio poço” ao buscar os elementos para produzir suas ações e pronunciamentos, mas não deve descartar/desprezar a contribuição do saberes laicos. (o laicato por sua vez permite a ponte entre o discurso da Igreja e dos saberes laicos sobre política, a comunidade, as identidades sociais, as necessidades públicas, porque eles/elas são os cientistas, os profissionais técnicos, os juristas, as assistentes sociais. Assim a Incidência Pública deve refletir tanto a palavra bíblica teológica quanto com a palavra técnica ou da sabedoria popular.

Ainda indicaria, mostrar os sinais da proximidade do Reino de Deus, deve ser a o caminho da incidência pública de nossas Igrejas, testemunhando o Reino de Deus em condições de anti-reino. E não podemos fazer isso tão somente a partir de um sistema de cristandade, a partir do poder e do prestígio, mas como Jesus (que rejeitou as tentações do demônio de atuar como poderoso) e como caminho de Cruz (compromisso de se doar e servir).

Finalmente, como ação prática dessas notas sobre a reflexão, algumas pistas: Definir uma estratégia de ação Reafirmar e fortalecer as relações de companheirismo (parcerias) Manter coerência entre as estratégias e plano de ação Ter clareza, acessibilidade e transparência nas ações.

Garantir mutualidade no processo (cooperação x competição). Permita-me terminar com uma referência de uma experiência pessoal. Em 2005 participei da Marcha Nacional do MST, de Goiânia a Brasília, 17 dias de marcha, com mais de 12 mil pessoas, entre crianças, jovens, mulheres e homens. Marchei no 13º dia, 17km. E na chegada em Brasília, acompanhei a liderança do movimento na audiência com o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, e me senti parte das reivindicações e com certeza foi uma das maiores experiências nesses últimos anos. E tenho certeza que foi uma importante experiência de incidência pública.

Assim termino com uma palavra do Salmista.

A misericórdia e a verdade encontraram-se;

A justiça e a paz se beijaram;

A verdade brotará da terra;

E lá dos céus olhará a justiça;

Sim, o Senhor dará o que é bom;

E a terra produzirá seus frutos;

A justiça irá a diante de Deus;

E com seus passos abrirá caminho.

Salmo 85,10-13.

Dom Maurício Andrade
Bispo Primaz da IEAB
Bispo da Diocese Anglicana de Brasília
mandrade@ieab.org.br
mandradepe5@hotmail.com
Skype – bispobrasilia